

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

Faculdade de Ciências  
Campus de Bauru

**REGINA RIBEIRO MATTAR**

**OS CONTOS DE FADAS E SUAS IMPLICAÇÕES  
NA INFÂNCIA**

**BAURU  
2007**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

Faculdade de Ciências  
Campus de Bauru

**REGINA RIBEIRO MATTAR**

**OS CONTOS DE FADAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA  
INFÂNCIA**

Trabalho apresentado como exigência parcial para a Conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da UNESP – Campus de Bauru, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi.

**BAURU  
2007**

## REGINA RIBEIRO MATTAR

### OS CONTOS DE FADAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA INFÂNCIA

Trabalho apresentado como exigência parcial para a Conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da UNESP – Campus de Bauru, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi

---

Profa. Dra. Sônia de Brito.

---

Prof. Dr. Antonio Walter Ribeiro de Barros Júnior

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP

Bauru, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

Dedico este trabalho a Deus e a todos aqueles que buscam dar um sentido a sua existência.

Agradeço a Deus e à sua conspiração divina que me mandou para esse mundo;

aos meus pais que, corajosamente, contrariaram todo plano econômico vigente de 1977 a 1990;

às minhas irmãs e irmão, Patrícia, Ana Laura, Luíza, Luiz Antônio, Fernanda e Marina, por toda lição de amor e sobrevivência;

à minha tia Telma e suas maravilhosas peculiaridades;

aos meus cunhados, cunhada, sobrinhos Pedro Benjamim e Ana Paula, e a todos os “agregados” por trazerem novas riquezas e dinâmicas;

às minhas amigas e amigo, Christina, Renata, Vanessa e Leôncio, por toda uma loucura pessoal e intelectual enriquecedora;

e ao Guigo, por toda força e libertação.

*“Se não posso dobrar os deuses, ao menos moverei os infernos”.*

Freud

## RESUMO

Os contos de fadas, em sua tradição oral, surgiram há milhares de anos, como obras de uma sociedade pré-literata. Sua valorização deu-se há alguns séculos atrás, quando passaram a ser narrados às crianças. Suas mais recentes contribuições estão diretamente ligadas aos estudos de Jung e, mais recentemente, de Bettelheim, que se dedicou ao estudo dos conteúdos implícitos nos contos de fadas e sua importância na vida da criança, também objeto deste trabalho. Constituindo a principal base desta pesquisa, de abordagem referencial teórico, busca-se explicar a fonte comum entre todos os contos e o porquê de suas narrativas serem tão cativantes e entendidas por diversas gerações em diferentes contextos. Como proposta para a Educação, visa um novo olhar sobre a infância, considerando-se a criança como um todo: seu lado afetivo e cognitivo em igual medida, oferecendo-se um estudo introdutório da psique do ser humano, as intervenções do meio e a idéia que criança tem de si e do outro. Dirigindo-se aos principais instrumentalizadores e colaboradores (pais e professores) de uma consciência civilizatória na criança, este trabalho propõe uma busca de si próprio e de um significado à vida.

Palavras – chave: contos de fadas. criança. educação.

## ABSTRACT

The fairytales in its oral tradition has begun thousand years ago as a work from a pre-literal society. Its valuing started some centuries before, when fairytales has started been said to children. Its most recently contributions are straightly linked to Jung's studies, and lately to Bettelheim's, who has dedicated himself in studying the implicit content on fairytales and its importance in child's life, also as a subject from this work. Being the main base from this research, on a theorycal referential approach, it tries to explain the common focus between all the fairytales and the reason why its narrative is so captivating and understandable by lots of generations in different contexts. As an educational purpose it tries a new point of view about childhood, considering child as a whole: their affective and cognitive side in the same weight, offering an introductory human psique study, the media and idea interventions that children has from himself and from the others. Focused on the main instrumental and collaborators (relatives and teachers) from a civilizatory consciousness on child, this work suggests an inner-search and a life's meaning search.

Keywords: Fairytales. child(ren). education.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - At Rest in the Dark Wood	13
FIGURA 2 - <a href="#">Sleeping Beauty</a>	22
FIGURA 3 - The Bed -Time Book	33

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS	14
CAPÍTULO II A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS	23
2.1 O CONSCIENTE E O INCONSCIENTE COLETIVO	23
2.2 OS ARQUÉTIPOS	27
CAPÍTULO III O IMPACTO DOS CONTOS DE FADAS NA CRIANÇA E A EDUCAÇÃO	34
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	

## INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo de referencial teórico sobre os principais autores e estudiosos dos contos de fadas e adeptos que fizeram associações do tema com seus trabalhos.

Desde o 3º ano de graduação, num dos seminários, o conteúdo apresentado gerou diversas reflexões sobre a concepção dos contos de fadas e dos muitos conteúdos implícitos, provocando um interesse crescente e aprofundamento sobre o tema, usualmente pouco explorado na formação do Pedagogo.

O que os contos de fadas provocam nas crianças? Por que eles são tão fascinantes e as crianças gostam tanto? Uma das participantes, ao afirmar que não expunha seus filhos aos contos de fadas porque os considerava ideológicos e moralizantes demais, suscitou a problemática deste trabalho. Baseado na preocupação do quê exatamente provocava na criança, quanto, e qual o reflexo em sua vida futura, foram o impulso para a busca de respostas.

Os estudos dos conteúdos implícitos presentes nos contos; ou seja: qual a natureza comum deles, onde eles ecoam, para quem se dirigem, o que nos falam e o porquê de serem considerados tão importantes, principalmente na infância, constitui-se na tese central deste trabalho.

Com o intuito de atingir as mais diferentes psiques, não será conceituado nem delimitado uma concepção estanque de infância, sendo consideradas as diferentes concepções que cada um tem de infância, visando promover um leque maior de interpretações e possibilidades de que o conteúdo exposto seja melhor aproveitado.

Esta introdução aos estudos dos contos de fadas será realizada através de uma fusão do olhar psicanalítico e as possíveis adaptações para a educação, na qual o professor é o principal alvo, por ser um importante mediador/divulgador do "mundo" aos homens, em um importante período de formação e desenvolvimento, ou seja, a infância.

Reconhecendo seus limites, neste estudo, não serão adotadas metodologias psicanalíticas aprofundadas, visto que o objetivo é um estudo introdutório dos conteúdos implícitos nos contos de fadas e não de práticas psicoterápicas.

"Não se trata, evidentemente, de afirmar alguma coisa, mas de construir um modelo que prometa um questionamento mais ou menos proveitoso. Um modelo

não nos diz que uma coisa seja assim ou assim: ele apenas ilustra um determinado modo de observação" (JUNG, 1984, p. 191).

Como uma situação temporal é fundamental para compreensão do trabalho como um todo, o primeiro capítulo apresenta a origem dos contos de fadas, de maneira breve, desde sua conhecida milenaridade até os dias atuais, bem como seus principais autores e o contexto histórico em que estão inseridos.

Como a tese central deste trabalho é o estudo do material implícito nos contos de fadas, no segundo capítulo será discorrido sobre a importância dos contos de fadas através da ótica de alguns pesquisadores, em especial, o psicólogo infantil Bruno Bettelheim. Como introdução indispensável ao trabalho, serão abordadas as funções do consciente, inconsciente pessoal e coletivo e as imagens primordiais ou arquétipos herdados e presentes no ser humano, como nossa mente funciona, objetos de estudo do principal representante da base estruturadora do trabalho, o psicanalista Carl Gustav Jung. Ainda neste capítulo, será trabalhada a idéia de que os contos dirigem ao ego em formação, acalmando as pressões pré-conscientes e inconscientes, trazendo também a questão de que neles a criança pode lidar com seus instintos mais profundos, pois ensinam a lidar com seus problemas interiores; tratam os conflitos gerados pelos contos e a certeza gerada na criança de uma saída vitoriosa, promovendo a confiança em si mesma e no futuro, refletindo em sua personalidade e nos caminhos que irá tomar.

No capítulo três e último, procura-se apresentar os impactos que os contos de fadas provocam na psique de uma criança ou adulto, as suas contribuições na maneira como a criança reconhece o mundo, os conceitos que retira das histórias, as idéias de diferenciação entre o eu e o outro, as escolhas dos personagens, as relações afetivas e os dilemas enfrentados e a certeza de uma superação de dependências a caminho de um sentimento de individualidade e maturidade. Finaliza tratando como poderia ser a abordagem de pais e professores em relação aos contos, e onde eles se situam na maneira de se alcançar maior êxito na promoção da independência afetiva infantil, na reflexão do adulto como ser psíquico em constante formação e na lembrança do papel que assume e compartilha com a criança.

## CAPÍTULO I A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Por fazerem parte do folclore de vários povos, por lidarem com a sabedoria popular e os conteúdos essenciais da condição humana, por sua transmissão oral antes mesmo da escrita, fica difícil precisar ao certo a origem dos contos de fadas. Porém, segundo a teoria do padre W. Shimidt (1946 apud FRANZ 1981), os temas permanecem praticamente inalterados no decorrer dos séculos.

De acordo com Coelho (1987), os primeiros registros dos contos de fadas datam de 4.000 a.C, feitos pelos egípcios, com o "Livro do Mágico". Na seqüência, apareceram na Índia, Palestina (Velho Testamento), Grécia Clássica, sendo o Império Romano o principal divulgador das histórias mágicas do Oriente para o Ocidente. A materialidade sensorial do Oriente, com a luxúria da Arábia, Persa, Irã e Turquia, se contrapunha à cultura dos celtas e bretões no ocidente, cheia de magia e espiritualidade.

O registro material dos contos de fadas começou no século VII, segundo Coelho (1987), com a transcrição do poema épico anglo-saxão *Beowulf*. As fadas aparecem no século IX, no livro de escrita galesa denominado *Mabinogion*. Nele não só surgem as fadas, como a transformação das aventuras reais que deram origem ao Ciclo Arturiano.

No século XII, mais precisamente em 1155, o Romance de Brut de Wace retomam as aventuras lendárias do Rei Arthur e seus cavaleiros. Neste mesmo século, Os *Lais* de Marie de France, gênero de poema narrativo ou lírico, que continha temas das novelas de cavalaria do ciclo do rei Arthur, divulgaram a cultura céltico-bretã pelas cortes da Europa e sua absorção pelo cristianismo (COELHO, 1987).

Na Idade Média, esse lastro pagão choca-se, funde-se ou deixa-se absorver pela nova visão de mundo gerada pelo espiritualismo cristão e, transformado, chega ao Renascimento. Na Era Clássica, os contos, que tinham um profundo sentido de verdade humana, foram perdendo seu verdadeiro significado e, como simples "envoltório" colorido e estranho, transformou-se nos contos maravilhosos infantis (COELHO, 1987 p. 15).

No século XIV é que surge, na Europa, segundo Bettelheim (1980), a primeira coleção de contos com motivos do folclore europeu denominado "*Gesta Romanorum*", de origem persa, escrito em latim, precedendo a famosa coleção "As Mil e Uma Noites" do folclore árabe.

No século XVI, de acordo com Coelho (1987), surge "Noites Prazerosas", de Straparola e "O Conto dos contos", de Basile. No fim deste e início do século XVII, o racionalismo clássico perdeu força e deu margem a uma literatura que exaltava a fantasia, o imaginário. Nesta época destaca-se Mme. D'Aulnoy com "Contos de Fadas", "Novos Contos de Fadas" e "Ilustres Fadas".

Segundo Coelho (1987), no início, os contos de fadas não eram uma literatura para crianças. O início dessa transformação teria dado-se com Perrault, no século XVII, na França; com os irmãos Grimm no século XVIII, na Alemanha; com Andersen no século XIX, na Dinamarca; e com Walt Disney no século XX, na América. Mas, para Cashdan (2000), a transformação dos contos de fadas em literatura infantil teria ocorrido no século XIX, nos países de língua inglesa, pelo trabalho de vendedores ambulantes, que viajavam por diversos povoados vendendo pequenos volumes baratos. Continham as histórias simplificadas do folclore e dos contos de fadas, sem as passagens mais fortes, sendo de fácil leitura.

Charles Perrault nasceu na França em 1628 e morreu em 1703. Publicou os "*Contos de ma Mère l'Oye*" (contos da Mamãe Gansa), cuja capa do livro era de uma velha fiandeira, devido à tradição da época, de mulheres contarem histórias enquanto fiavam. Sua literatura de início não era voltada para crianças, mas com a adaptação de "A Pele de Asno", manifestou sua intenção de escrever para elas, principalmente orientando-as moralmente. Seus principais contos são: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique de Topete e O Pequeno Polegar (COSTA e BAGANHA, 1989).

Os irmãos Grimm – Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) - lingüistas e folcloristas, por 13 anos colecionaram histórias recolhidas da tradição oral, esperando caracterizar o que havia de mais típico no espírito alemão.

Publicaram um primeiro volume em 1812, que continha o que recolheram em Hessen, nos distritos de Meno e Kinzing, do condado de Hanau, onde nasceram. O segundo volume foi concluído em 1814. A maior parte das lendas do segundo volume foi-lhes contada pela senhora Viedhmaennin, uma camponesa oriunda da aldeia de Niedezwehn, perto de Kassel. Jacob era o mais intelectualizado dos irmãos, mas Wilhelm era quem detinha o entusiasmo e inspiração da poesia; juntos chegaram a editar 210 histórias, a maior parte delas encontrada nos dois volumes

originais. São deles as estórias: Pele de Urso, A Bela e a Fera, A Gata Borralheira e João e Maria (PAVONI, 1989).

Hans Christian Andersen (1802-1875), filho de um humilde sapateiro e de uma mãe iletrada, mulher supersticiosa que o influenciou bastante por passar-lhe a tradição oral do campo. Em 1835 publicou histórias Contadas às Crianças, com seus quatro primeiros contos. Até 1872, produziu 168 histórias. Suas estórias trabalhavam com o código social e eram inspiradas na sua infância sofrida, trazendo uma moral ou ensinamento. Destacam-se: A Roupas Nova do Imperador, O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, A Pequena Sereia, A Pequena Vendedora de Fósforos, A Princesa e a Ervilha (COELHO, 1987).

Walt Disney (1901-1966) foi um cineasta, produtor estadunidense de desenhos animados e animador. Não criou nenhum conto, mas ficou conhecido pelas releituras que fez dos contos de fadas, como a primeira: “Branca de neve e os sete anões”, animação lançada nos cinemas, que na época (como nos tempos atuais) era uma poderosa aliada midiática. As histórias eram facilmente compreensíveis, refletindo os valores médios da tradição americana (COSTA e BAGANHA, 1989).

Em sua adaptação dos contos de fadas clássico, de acordo com Costa e Baganha (1989), os contos aparecem distorcidos de sua forma original. Muitas adaptações subtraem passagens consideradas mais fortes, com o objetivo de não assustar ou chocar as crianças, privando-as do conflito e posterior resolução.

Assim como a Disney, estúdios como a Pixar, Dreamworks e Warner Bros, têm ganhado merecido destaque por contribuir com outras histórias, mais atuais, que se assemelham estruturalmente com os contos.

Foi com Vladimir Propp, estruturalista russo e um dos expoentes da narratologia, que se deu um dos primeiros estudos científicos relevantes dos contos, em 1920, conforme Pavoni (1989), a partir dos estudos nos quais se propôs a analisar estruturalmente cem narrativas dos contos populares da época, chegando a conclusão de que todas as histórias tinham a mesma seqüência de ações ou funções narrativas, e a questão de que, apesar da diversidade de temas e versões, todas poderiam ter uma origem comum.

Segundo Coelho (1987), Propp formulou uma estrutura básica para os contos de fadas, envolvendo início, ruptura, confronto e superação de obstáculos e perigos, restauração e desfecho.

O início caracteriza-se pelo aparecimento do herói ou da heroína e do problema que vai desestabilizar a paz inicial; a ruptura, quando o herói vai para o desconhecido, deixando a proteção e se desligando da vida concreta; o confronto e a superação de obstáculos e perigos, quando o herói busca soluções fantasiosas; a restauração é quando se inicia o processo da descoberta do novo, das potencialidades e das polaridades; e o desfecho, é o retorno à realidade, com a união dos opostos, iniciando o processo de crescimento e desenvolvimento.

Coelho (1987) também afirma que a fantasia básica dos contos de fadas expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidos, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização. Partem de um problema vinculado à realidade e seu desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real.

Propp, ao analisar a semelhança entre a estrutura das narrativas e a seqüência das ações nos rituais, concluiu que os mais velhos faziam o papel de iniciadores e contavam aos jovens, que eram os iniciantes, o que lhes estava acontecendo, só que se referiam ao fundador da raça e dos costumes, o primeiro ancestral. Essa narração que mostrava o sentido das práticas nos rituais a que os jovens estavam se submetendo, era parte integrante do ritual e devia ser mantida em segredo: um segredo entre o iniciador e o iniciado, que funcionava como um amuleto verbal e dava poderes mágicos aos envolvidos. Essas narrações acabaram transformando-se em mitos, mantidos e transmitidos como preciosos tesouros nas sociedades tribais (MENDES, 2000).

Através do mito, segundo Mendes (2000), pode-se entender a realidade social de um povo, sua economia, seu sistema político, seus costumes e suas crenças. Através dos mitos é que eram explicadas a vida individual e social, passada, presente e futura nas comunidades primitivas.

Isso só foi possível, de acordo com Pavoni (1989), quando Propp, ao estudar as raízes históricas dos contos maravilhosos, descobriu que algumas práticas comunitárias dos povos primitivos (ritos de iniciação sexual e representações da vida e da morte), explicam a existência de dois tipos de contos, abrangendo a maior parte das histórias chamadas hoje de contos maravilhosos ou de fadas.

Outros sistemas de classificação dos contos de fadas foram desenvolvidos, segundo Abramowicz (1998), como o do finlandês Antti Aarne, que identificou os



textos segundo unidades temáticas, publicado em 1910. Para desenvolver seu sistema, ele baseou-se em contos finlandeses e dinamarqueses (coletados pós Grundtvig) e alemães (antologia dos Grimm). Stith Thompson encarregou-se da segunda edição do texto de Aderne (dessa vez em inglês), mas de tal forma ampliou e completou o sistema de classificação, que se tornou co-autor do trabalho. A terceira edição, igualmente elaborada por Thompson, chamada *The types of the folktale*, saiu em 1961 e contém um material sete vezes maior que a primeira edição de 1910. Tendo em vista a substancial colaboração de Thompson para completar a versão definitiva, hoje a classificação é conhecida com a denominação “Aarne/Thompson”.

A identificação de cada conto, para essa classificação, se baseia no tipo de enredo e no tipo de personagem que ele contém. Aarne e Thompson os agruparam em quatro grupos maiores: contos de animais; facécias ou anedotas; outros - tipos não classificados e contos de fadas propriamente ditos. Os contos de fadas, por sua vez, se subdividem em contos de fadas ou de encantamento, contos de fadas legendários ou religiosos, contos de fadas novelísticas e contos de fadas sobre gigante, ogro ou diabo logrados. Dessa subdivisão, os contos de fadas ou encantamento, também se dividem em contos com opositor sobrenatural, contos com cônjuge (ou outro parente) sobrenatural ou enfeitado, tarefa sobrenatural, ajudante sobrenatural, objeto mágico, poder ou conhecimento mágico e contos com outros elementos mágicos (VOLUBUEF, 2007).

Os contos de fadas, de acordo com Coelho (1987), são chamados de *contes de fées*, na França; *fair tale*, na Inglaterra;  *cuento de hadas*, na Espanha; e *racconto di fata*, na Itália. Em Portugal e no Brasil, no final do século XIX, foram denominados contos da carochinha, sendo chamados por Câmara Cascudo, importante historiador e folclorista brasileiro, de contos de encantamento. Apesar de todo esse aparato histórico, o que temos na verdade, é uma total indistinção entre contos maravilhosos e de fadas.

Apesar dos contos de fadas e dos contos de encantamento fazerem parte do universo maravilhoso, segundo Coelho (1987), eles tratam de problemáticas diferentes. Os contos de fadas tratam da realização interior ou existencial do herói, enquanto os contos maravilhosos tratam da realização exterior ou social do mesmo. Os contos de fadas são de origem celta, na qual a etimologia da palavra fada vem

do latim *fatum*, que significa destino, fatalidade. Ela caracteriza o conto de fadas como:

[...] com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e têm como eixo gerador uma problemática existencial. Ou melhor, têm como núcleo problemático à realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está visceralmente ligado à união homem-mulher (COELHO, 1987, p.14).

As fadas são seres fantásticos ou imaginários do folclore ocidental e das Américas, na forma de belas mulheres, de poderes sobrenaturais e virtudes, interferindo e auxiliando o homem onde há a impossibilidade de uma solução natural, humana (COELHO, 1987).

A autora também define os contos maravilhosos, como:

[...] narrativas sem a presença de fadas, via de regra se desenvolvem no cotidiano mágico (animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares, objetos mágicos, gênios, duendes etc.) e têm como eixo gerador uma problemática social (ou ligada à vida prática concreta). Ou melhor, trata-se sempre do desejo de auto-realização do herói (ou anti-herói) no âmbito socioeconômico, através da conquista de bens, riquezas, poder material etc. Geralmente, a miséria ou a necessidade de sobrevivência física é o ponto de partida para as aventuras da busca. Eles se originam das narrativas orientais, e enfatizam a parte material/sensorial/ética do ser humano: suas necessidades básicas (estômago, sexo, vontade de poder), suas paixões do corpo (COELHO, 1987, p.13).

Gillig (1999) chama os contos de fadas de contos maravilhosos, pelo predomínio não de fadas, mas de situações maravilhosas nos contos. O maravilhoso, essencial para o equilíbrio da razão, é o próprio uso que fazemos do imaginário e diz respeito à magia ou intervenção divina, dividindo-se em três funções: fantasmagórica: através da realização do herói, trabalhando com sua realidade psíquica, traduz de maneira simbólica as aspirações do homem; estética: quando é vista também como uma obra de arte, patrimônio cultural da humanidade, apresentando a relação homem versus natureza e sua visão de mundo; encantamento: referência ao estado de êxtase a partir da narrativa, onde se passa do cotidiano trivial para o universo do conto.

Não se pode precisar onde se distingue o mito do conto folclórico, de acordo com Bettelheim (1980), apenas afirmar-se que ambos provém de uma sociedade pré-literata. Os países nórdicos usam a palavra *saga* para ambos: mito e conto folclórico; os alemães usam *sage* para os mitos e *marchen* para os contos. Ingleses e franceses enfatizam o papel das fadas em histórias em que elas não aparecem na

maior parte das vezes. Mitos e fadas atingem a sua forma final apenas quando estão redigidos, após passarem por um processo de mudança pelo contador, condicionando-os ou melhorando-os, de acordo com os interesses dos ouvintes, das preocupações do momento ou da época.

A separação entre a narração ritualística e o tratamento apenas artístico dado aos contos, de acordo com Mendes (2000), foi o início da transformação do mito em contos populares.

Bettelheim (1980) afirma que esses contos desenvolveram-se a partir dos mitos ou foram a eles incorporados, passando a experiência acumulada de uma sociedade sedenta de transmiti-las a novas gerações.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. Um mito, como uma estória de fadas, pode expressar um conflito interno de forma simbólica e sugerir como pode ser resolvido, mas esta não é necessariamente a preocupação central do mito. Ele apresenta seu tema de forma majestosa; transmite uma força espiritual; e, o divino está presente e é vivenciado na forma de heróis sobre-humanos que fazem solicitações constantes aos simples mortais. Por mais que nós, os mortais, possamos empenhar-nos em ser como estes heróis, permaneceremos sempre e obviamente inferiores a eles (BETTELHEIM, 1980, p.34).

Os personagens e os acontecimentos presentes nos contos de fadas, segundo Bettelheim (1980), demonstram conflitos internos, indicando sua resolução e novos passos em busca de uma humanidade mais elevada.

Mendes (2000) observa que a separação entre o sagrado e o profano deu-se pela pressão de acontecimentos sociais inesperados (migrações, invasões e suas conseqüências inevitáveis) ou pelo percurso natural e histórico de um povo. Os mitos passam a ser narrados para quaisquer pessoas, em ambientes comuns, perdendo seu significado primeiro, resumindo-se em histórias de entretenimento.

Essa origem comum dos contos e mitos explica ainda a semelhança entre sua estrutura narrativa e a de outras formas artísticas surgidas posteriormente, com as lendas heróicas e as epopéias. Assim, a cultura folclórica, nascida em uma comunidade sem classes, vem a ser, a partir do feudalismo, propriedade da classe dominante. Esse fenômeno pode explicar, finalmente, o uso ideológico que se faz dos contos de fada, desde a instalação do sistema educacional burguês até hoje (MENDES, 2000, p.26).

A milenar medicina hindu acreditava que os contos de fadas tinham poder terapêutico através de sua meditação, que levava a visualização da natureza do conflito existencial que estava causando a perturbação, e o caminho para a

resolução. Mas foi a psicanálise quem ofereceu as maiores contribuições na análise dos significados mais profundos dos contos de fadas, propondo-se a desvendar significados manifestos e encobertos da mente consciente, pré-consciente e inconsciente, tendo em Jung, seu maior representante (BETTELHEIM, 1980).

## **CAPITULO II A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS**

### **2.1 O CONSCIENTE E O INCONSCIENTE COLETIVO**

Com essa literatura percorrendo diversas regiões através da história, tornou-se impossível determinar, pelas narrativas pesquisadas e suas diferentes fontes, quais teriam sido os textos-base. Porém, apesar de toda distância geográfica, da diferença nas línguas, de costumes e culturas, vê-se uma essência comum em todos eles (COELHO, 1987).

Para Aarne e Thompson (1961 apud ABRAMOWICZ, 1998), os contos permanecem transmitidos de geração em geração por períodos longos, sem grandes transformações numa mesma região; mas, nas emigrações dos povos para outras regiões, ocorrem adaptações ao novo contexto cultural.

Von Franz (1980), discípula do psiquiatra suíço Jung, diz que é no inconsciente coletivo que o contador popular busca inspiração para a criação dos contos de fadas.

Segundo Pavoni (1989), Jung retrata a psique como sendo formada de conteúdos conscientes e inconscientes, tanto pessoais quanto coletivos. É um sistema auto-regulador, no qual tudo se torna consciente através do ego e, no entanto, a consciência é apenas uma parte da psique. Conteúdos conscientes podem mergulhar no inconsciente, enquanto conteúdos novos que jamais foram conscientes e nem provieram da experiência, podem surgir do inconsciente. Existe um movimento e intencionalidade próprias na psique, na qual nem tudo funciona de um modo causal, ou linear: A psique compreende então a consciência e o inconsciente, de modo que o ego é o centro da consciência e o self ou si-mesmo, paradoxalmente, é o centro e a personalidade total.

Portillo (2001) diz que, para Jung, o inconsciente é dinâmico, produz conteúdos, reagrupa os já existentes e trabalha numa relação compensatória e complementar com o consciente. No inconsciente encontram-se, em movimento, conteúdos pessoais adquiridos durante a vida e mais as produções do próprio inconsciente.

Os conteúdos conscientes provêm da experiência pessoal e particular de cada indivíduo. O inconsciente pessoal é composto de conteúdos que se tornaram inconscientes (seja pela falta de intensidade ou pelo mecanismo de repressão); por

conteúdos, tais como as percepções sensoriais que nunca chegaram diretamente à consciência, atingindo-a indiretamente; e também pelos complexos (BETTELHEIM, 1980).

De acordo com Bettelheim (1980), para Jung, os complexos são os caminhos que permitem chegar ao inconsciente. Portadores de uma carga energética substancial, os complexos têm como núcleo o arquétipo e, em torno deste núcleo, vão se concentrando idéias ou pensamentos cheios de afetividade. Estruturam-se como entidades autônomas quando uma parte da psique é cindida por causa de um trauma, um choque emocional ou um conflito moral. Quando totalmente inconscientes, atuam livremente e podem dominar o ego. Geralmente, aquelas situações em que ocorrem alterações da consciência e também comportamentais, sem motivo aparente, são manifestações da possessão do complexo sobre o ego.

Jung define o inconsciente coletivo como sendo inato, de natureza universal, cujos conteúdos, comportamentos, sentimentos, pensamentos e lembranças, são os mesmos em todos os seres humanos, compartilhados por toda a humanidade. É como um depósito de imagens latentes, a quem Jung denominou de arquétipos ou imagens primordiais, que são universais e idênticos em todas as pessoas, herdados de seus ancestrais. O indivíduo, conscientemente, não se lembra das imagens, mas ele tem uma predisposição para reagir ao mundo da mesma forma que seus ancestrais faziam. A predisposição para pensar, entender e agir de determinado modo são inatas, mas serão desenvolvidas e moldadas conforme a experiência de cada um (BETTELHEIM, 1980).

E pelas palavras do próprio Jung:

Podemos discernir um inconsciente pessoal que compreende todas as aquisições da existência pessoal, quer dizer, o que foi esquecido, reprimido, percebido subliminarmente, pensado e sentido. Ao lado desses conteúdos inconscientes pessoais existem outros conteúdos que provêm, não de aquisições pessoais, mas das possibilidades herdadas do funcionamento psíquico em geral, isto é, da estrutura cerebral herdada. São essas as conexões mitológicas, os motivos e imagens, que sempre e em todo lugar podem nascer sem tradição histórica ou migração. A esses conteúdos chamo de inconsciente coletivo. Tanto quanto os conteúdos conscientes estão ocupados com atividade determinada, assim o estão também os conteúdos inconscientes, conforme a experiência nos mostra. Assim como nascem da atividade psíquica consciente certos resultados ou produtos, assim também surgem produtos dessa atividade inconsciente, como, por exemplo, sonhos e fantasias ( JUNG,1960 apud DIECKMANN, 1986, p.60 ).

Dickemann (1986) descreve ainda a consciência como um primeiro mundo, no qual acontecem as coisas normais e costumeiras; e o inconsciente como um

segundo mundo, fantástico, de onde vêm os sonhos e as fantasias, no qual tudo aquilo que antes parecia inaceitável, torna-se possível. E é nesse confronto entre consciência e inconsciência que o conto de fadas se desenrola e se interrelaciona.

Foucault (1999) estudou os aspectos organizadores da linguagem e seus códigos, propondo uma arqueologia do conhecimento, pois a linguagem reflete, na maneira como se constitui, a forma como se percebe e concebe o conhecer: uma investigação epistemológica a partir da linguagem. Seu estudo possibilita pensar como o inconsciente se organiza como linguagem no campo da consciência.

No inconsciente não há barreiras tempo-espaciais, segundo Jung (1984), nem separações entre sujeito e objeto, nem opera com conceitos e nem trabalha com juízos de valores. Para muitos psicólogos e pesquisadores da linguagem e do imaginário, o domínio do inconsciente em toda a sua complexidade se faz através das imagens, ou, falando de linguagem, numa linguagem metafórica. Linguagem esta que transgride o pensamento racional e abstrato, envolvendo os aspectos não-rationais e emocionais.

Essa linguagem de caráter mágico, vivo e metafórico é muito comum nas sociedades pré-letradas e de tradições orais. Linguagens desse teor são muitas vezes descritas como sendo expressões próprias dos sábios e da mente infantil (JOHNSON, 1996 apud ROBERTO, 2007). A linguagem metafórica provém de uma visão de mundo no qual o homem e natureza não se distinguem; não fazem parte de um sistema independente, pois está depositada no mundo e dele faz parte.

Os sonhos também são vistos como linguagem na qual o inconsciente possibilita que partes do indivíduo possam viver e se manifestar. Em sua fenomenologia, apresentam-se como imagens e, no referencial junguiano, estruturam-se dentro de uma linguagem analógica (ROBERTO, 2007).

Foucault (1999) refere que a linguagem passa a ser da ordem da representação, não mais ligada à natureza, mas independente e convencional; a palavra passa a ser uma representação da mente através de um signo arbitrário. Estabelece-se uma organização dual do signo através da relação significante e significado. Mas, mesmo com essa nova forma de conceber a linguagem e a evolução de um pensamento científico, a força da imaginação continua sendo sua base.

Os contos de fadas, de acordo com Dieckmam (1986), são tipos de sonhos da humanidade, que mesmo sem interpretação determinada, se dirige aos

problemas do ser humano mais intensos do momento, desenvolvendo sua ação no inconsciente, onde se aprofunda e se fortalece.

Através dos contos de fadas a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes. Para que ela possa superar os problemas psicológicos do crescimento, obter um sentimento de individualidade, de autovalorização, e um sentido de obrigação moral, necessita entender o que se está passando dentro de seu eu inconsciente. Dos contos, elas retiram seus próprios conceitos, sempre em consonância com o momento, não podendo fazê-los sozinhas (BETTELHEIM, 1980).

Para Dieckman (1986), o fundador da psicanálise Freud e seu colaborador Rank já haviam atentado para a presença constante de mitologemas e dos conteúdos dos contos de fadas nas fantasias inconscientes do homem. Mas foi Jung e seus discípulos que deram um papel especial ao tema. Para ele, as imagens mitológica originárias estão presentes no inconsciente coletivo, e se bem entendidas, podem indicar os modos de vivência e possibilidades de funcionamento da criança, que por si só não estão presentes na experiência pessoal do homem.

Dieckman (1986) cita o estudo de J. Gebser, no qual demonstrado filogeneticamente e ontogeneticamente que certas esferas têm papel importante no desenvolvimento da consciência humana e que elas, ao lado da consciência racional ou subconscientemente, continuam conservadas, sendo co-decisivas nos processos criativos

O primeiro e mais primitivo grau de desenvolvimento da consciência é, segundo Gebser, o mágico, no qual a consciência tenta se libertar da participação com a natureza circundante, pelo princípio do poder. A magia, com seu encantamento e seus rituais, é dirigida ao poder e a apoderar-se dos objetos como também se refere à submissão das forças da natureza e ao seu domínio. Em compensação, emerge na fase mítica, pela primeira vez, a consciência do tempo e, com esta, os processos de conhecimento. Em contraposição ao mágico a consciência mítica é muito mais determinada por uma curiosidade mais inteligível e procura espelhar tanto os acontecimentos da natureza como os da própria psique, em grandes imagens simbólicas, enquanto a experiência do sentido destas leva ao conhecimento do mundo interior e exterior (DIECKMAN, 1986, p.92).

Para Iser (1999), o elemento básico é a imagem. Ela traz a tona o que não é idêntico a um objeto empírico, nem ao significado de um objeto representado. A experiência do objeto é infringida pela imagem, sem, entretanto, ser atributo para o que a imagem mostra. O sentido passa a ser captado não como mensagem, nem como determinado significado, mas como imagem. Ela é, portanto, a categoria básica da representação.



Avançando, Jung (1984) afirma que a realidade humana é primariamente psíquica: isso quer dizer que as imagens não são derivadas de impressões sensoriais, mas realidades que a psique experimenta como uma imagem, já que toda realidade psíquica consiste em imagens.

Isso mostra a capacidade do ser humano em gerar complexas formas de expressões e significações a todo o momento. Na concepção junguiana, essa disposição, primariamente se constitui em imagens e, a partir delas, em símbolos que se realizam na imagem e pela imagem (ROBERTO, 2007).

## **2.2 OS ARQUÉTIPOS**

No mundo de imagens simbólicas, os arquétipos funcionam como reguladores e formadores, fazendo uma ligação entre as percepções sensoriais e as idéias, sendo pressupostos necessários para a construção das idéias científicas.

“Um arquétipo é uma forma de pensamento ou de comportamento, um símbolo das experiências humanas básicas, que são as mesmas para qualquer indivíduo, em qualquer época e qualquer lugar” (JUNG, 1984 apud MENDES, 2000, p. 35).

Para Mendes (2000), os arquétipos como formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem formas primitivas e inatas representando uma herança do espírito humano. Esses arquétipos estão carregados por energia, que interferem no comportamento do indivíduo e da coletividade. Nos arquétipos se encontram os mitos, religiões e filosofias que influenciam e caracterizam diferentes povos em diferentes épocas.

Os arquétipos são, em certo sentido, os fundamentos ocultos na profundidade da psique consciente. Sistemas de prontidão que são, simultaneamente, imagem e emoção. São transmitidos hereditariamente com a estrutura cerebral. Então, devem ser considerados como um campo e centro magnético que está na base da transformação do decurso psíquico em imagem. Os arquétipos só podem ser apreendidos através de suas expressões, chamadas de imagens arquetípicas (JUNG, 1984).

Para Durand (1997), a importância essencial dos arquétipos está em constituírem o ponto de junção entre o imaginário e o racional.

A contribuição de Jung, para Portillo (2001), se dá nas amostras de que os

arquétipos existem e aparecem sem influência de constatação externa. Ou seja, que há, em cada psique, a presença de disposições vivas inconscientes, de formas ou idéias em sentido platônico, que instintivamente pré-formam e influenciam todo pensar, sentir e agir do ser humano. Alguns arquétipos são bastante ressaltados por Jung, pois se interpõem ao desenvolvimento da personalidade e constantemente estão bem próximo do ser humano, no seu cotidiano, e são mobilizados pela psique, tão logo surja uma situação típica.

A mútua correlação entre a realidade interior do homem e seu ambiente são tanto objetos da imaginação poética e mitológica quanto à correlação anímica dos princípios do consciente e do inconsciente. E o inconsciente se reflete tanto nos mecanismos quanto nos objetos da imaginação. (MELETÍNSKI 1998 apud ROBERTO, 2007).

O caráter metafórico do arquétipo e sua expressividade nos contos de fadas é bastante perceptível. Durand (1997) o chamou de uma psicologia poética e Jung (1984) determinou como uma base poética da mente. O conto passa a ser um sistema dinâmico de símbolos, de arquétipos e esquemas e se transforma em narrativa.

Assim como no mito, segundo Roberto (2007), o conto de fadas utiliza-se do discurso, cujos os símbolos se definem em palavras e os arquétipos em idéias. Da mesma maneira que o arquétipo gera a idéia e o símbolo concebe o nome, pelos contos de fadas eles se deparam promovendo uma narrativa imagética.

Todas as imagens e figuras arquetípicas se encontram nos mitos e contos de fadas. Por não se dirigirem ao consciente racional, preservam sua estrutura narrativa, conservando-se e podendo ser passada a várias gerações. Para Mendes (2000), o nascimento, a maternidade, o casamento, a morte, o renascimento, o poder, a magia e as respectivas figuras da criança, da mãe, do herói, dos deuses e demônios, estão presentes nos arquétipos do inconsciente coletivo.

Assim, os arquétipos do nascimento do herói, da iniciação sexual e da passagem para o outro mundo estão nos contos mais conhecidos e apreciados. O personagem principal geralmente é uma criança que enfrenta o problema do relacionamento com os pais, é submetida às provas da vida, situações difíceis que são resolvidas com a ajuda da magia, e chega à maturidade, representada pelo casamento, que será a felicidade eterna, o despertar para a luz, depois de um longo período de trevas (MENDES, 2000 p.35).

Em todo lugar onde o homem obtém algo de novo, nunca anteriormente conseguido ou adquirido, o mesmo acontece à transição do herói do conto de fada.

Passa-se do mundo cotidiano para um reino mágico, desconhecido, encantado, que deve ser libertado, ou onde se pode buscar um valor que eleva acima da existência trivial. Bruxas e monstros são os temores e incapacidades personificados contra os quais se tem de lutar; os animais solícitos e as fadas são as capacidades e possibilidades ainda desconhecidas, que se pode obter nestas situações. Deste modo, se realiza em outro plano aquilo que no conto de fada é imagem ou fantasia (DIECKMANN, 1986, p.15).

Após muitos anos em que os contos de fadas são apurados e recontados, segundo Bettelheim (1980), propagam-se significados manifestos e encobertos, comunicando-se com a mente da criança e do adulto, simultaneamente. Eles transmitem mensagens à mente consciente, pré-consciente, e à inconsciente. Esses contos dirigem-se ao ego em formação, dando força ao seu desenvolvimento, acalmando as pressões pré-conscientes e inconscientes, ao mesmo tempo.

Segundo a psicanálise primordial, a consciência racional e consciente se desenvolve a partir do sexto ano de vida da criança. “[...] até aí a criança vive em mundo mágico-mitológico, no qual, ao lado de uma consciência impulsiva e instintiva, surge primeiro uma consciência imaginativa” (DIECKMANN, 1986, p.44). Nesta, encontramos as imagens, os agentes mitológicos, identificações, reações, comportamentos e as atividades em si.

Segundo Cassirer (1929 apud Dieckmann, 1986, p.44), “[...] essa camada do desenvolvimento precoce da consciência e de concepção do mundo é o primórdio do espírito que pensa complexamente e contém a identidade da forma básica”. É o fundamento do nosso pensamento racional, essencial para novas conquistas da alma e também da maturação e transformação da psique dos adultos.

Tudo que para um adulto é natural e trivial, de acordo com Dieckmann (1986), inicialmente foi descoberto e percebido pela criança. Pensando na experiência de uma existência infantil, vê-se o quanto o significado psicológico dos contos de fadas confirmam isso. A criança deve aprender a lidar com seus instintos e impulsos mais profundos, da natureza humana em geral, e deve afirmar seu ego contra essas forças. Inconscientemente, os contos de fadas, sob a forma de imagens simbólicas, possibilidades típicas e projetos, oferecem maneiras para que ela saia vitoriosa.

Se equiparmos o conto de fada a um drama dentro da alma, então todas as pessoas, ações, animais, lugares e símbolos que nele aparecem representam movimentos da alma, impulsos, atitudes, maneiras de viver e aspirar. O herói, isto é, a figura de identificação escolhida pela criança ouvinte - que tem a liberdade de se identificar com a personagem principal

masculina ou feminina - ocupa então o lugar do complexo do Ego. A representação de uma experiência de tormentos e até morte, no decorrer de amadurecimento, acontece também ao herói ou à heroína do conto de fadas (DIECKMANN, 1986, p. 119).

Para Jung, segundo Portillo (2001), o ego é um complexo formado primeiramente por uma percepção geral do próprio corpo e existência e, após, pelos registros da memória de cada um. O complexo é a imagem de uma determinada situação psíquica, com uma carga emocional intensa, que se mostra, assim, incompatível com a habitual disposição ou atitude da consciência. Ele impulsiona o ser humano para o desenvolvimento psíquico, podendo ser fonte de futuras realizações. Todos têm uma certa idéia de já ter existido em épocas passadas; todos acumulam uma longa série de recordações. Esses dois fatores são os principais componentes do ego, que possibilitam considerá-lo como um complexo de fatos psíquicos.

O complexo do ego é diferente dos outros complexos, porque se impõe como centro da consciência e atrai para si os demais conteúdos conscientes, além de visar, mais do que outro complexo, à totalidade (PORTILLO, 2001).

Bettelheim (1980) afirma que os contos de fadas, melhor do que qualquer outra história infantil ensina a lidar com os problemas interiores e achar soluções certas em qualquer sociedade em que se esteja inserido. A criança, como ser participante e atuante da sociedade, aprenderá a enfrentar e aceitar sua condição, desde que seus recursos interiores lhe permitam.

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento - superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis: obter um sentimento de individualidade e de autovalorização e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados - ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo (BETTELHEIM, 1980, p. 16).

Para extrair um sentido de sua existência, o homem precisa aceitar a natureza problemática da vida sem ser vencido ou induzido a sua tendência para fugir à realidade ou à rotina. A configuração e o teor dos contos oferecem imagens para que a criança estruture seus devaneios, lide com seus medos interiores, dando direção a uma vida saudável no âmbito mental e espiritual (BETTELHEIM, 1980).

Porém, os contos de fadas encontram muitas barreiras para atingir seu objetivo mais completo. Segundo Bettelheim (1980), prevalece a crença dos pais que à criança deve ser exposta somente ao lado agradável da vida. Devendo permanecer em sua realidade consciente e supostamente controlável, não é permitido à criança entrar em contato com a sua ansiedade - que é tamanha, a ponto de não se conseguir definir nem quantificar - nem com as fantasias raiosas e caóticas que apresentam. É desconcertante para um pai reconhecer estas emoções no filho, por isso tende muitas vezes a passar por cima delas.

Por isso, a literatura infantil atual nega os conflitos internos e as emoções violentas originadas nos impulsos primitivos, bem como suprime passagens que exprimem esses conflitos dos principais contos de fadas.

Mas a criança está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimenta uma ansiedade mortal. Na maioria das vezes, ela é incapaz de expressar estes sentimentos em palavras, ou só pode fazê-lo indiretamente: medo do escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo (BETTELHEIM, 1980, p. 18).

O conto de fadas não ignora essas ansiedades e dilemas existenciais, tais como a necessidade de ser amado, o medo de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte, encarando-as diretamente, oferecendo soluções de modos que a criança possa aprender no seu nível de compreensão (BETTELHEIM, 1980).

Bettelheim (1980) explica que, quando as histórias que as crianças escutam ou lêem são vazias, elas não têm acesso a um significado mais profundo de relações e de experiências e não apreende nada realmente significativo que possa ajudá-la nas etapas de seu desenvolvimento.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 1980 p.13)

Ou seja, a estória deve relacionar-se com todos os aspectos da personalidade e dar créditos às qualidades das crianças e promover, ao mesmo tempo, a confiança em si mesma e no futuro.

Bettelheim (1980) também afirma que apenas a estória em sua forma original, permite que o verdadeiro impacto e significado possa ser apreciado e seu encantamento experimentado.

Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos (BETTELHEIM, 1980, p. 20 - 21).

O prazer que sentimos quando ouvimos um conto de fadas, segundo Bettelheim (1980), não vem apenas do seu significado psicológico, mas também de suas qualidades literárias. São obras de arte pertencentes a toda humanidade e compreensíveis pelas crianças, como nenhuma outra. É a partir dos contos que retiram suas primeiras impressões sobre o mundo.

### **CAPÍTULO III O IMPACTO DOS CONTOS DE FADAS NA CRIANÇA E NA EDUCAÇÃO**

Apesar de a criança viver no mesmo mundo dos adultos, ela o pensa, sente e vê de forma diferente. Segundo Costa e Baganha (1989), para a criança, o mundo - pessoas e coisas - não é reconhecido como algo fora dela. Reconhecer a exterioridade do mundo implica, para ela, reconhecer os próprios poderes e limites, e é nesse confronto que ela vai se construindo.

Bettelheim (1980) afirma que a vida intelectual de uma criança, através da história, dependeu de mitos, religiões, contos de fadas, alimentando a imaginação e estimulando a fantasia, como um importante agente socializador. A partir dos conteúdos dos mitos, lendas e fábulas, as crianças formam os conceitos de origens e desígnios do mundo e de seus padrões sociais.

Os contos de fadas, apesar de apresentarem fatos do cotidiano às vezes de forma bem realista, não se referem claramente ao mundo exterior, e seu conteúdo poucas vezes se assemelha com a vida de seus ouvintes. Sua natureza realista fala aos processos interiores do indivíduo (BETTELHEIM, 1980).

Para Dieckmann (1986, p. 49) os contos de fadas são mais do que histórias bonitas, partindo da idéia de que eles têm importância para a formação e configuração do mundo interior humano. “[...] As figuras e feições, como também a ação do conto, são vividas não mais como acontecimento real do mundo, exterior, mas como personificação de formações e evoluções interiores da mente”. Esses símbolos são a melhor imagem que demonstra aquilo que se passa com o homem.

Essas imagens ou arquétipos representados pelos personagens nos contos de fadas, segundo Pavoni (1989), são a própria pessoa. E o mesmo acontece com as relações reais de uns com os outros: elas não são vistas como realmente são, mas sim pela imagem que se tem delas. Esta imagem é constituída através de experiências pessoais com o outro e também através da imagem do arquétipo de relação ou de posição projetada no outro. Na relação com alguém de maior autoridade, o comportamento é marcado ou alterado pelos arquétipos de autoridade inconsciente que a pessoa traz, podendo ser negativo ou positivo.

Portanto, o mundo age sobre as pessoas conforme ele é percebido. Só aquilo que tem ressonância com os conteúdos da psique é que é percebido. Cada um

entende o que o circunda e a si mesmo a partir dos apontamentos arquetípicos do seu inconsciente (PAVONI, 1989).

A criança, segundo Dieckmann (1986), por meio dessas figuras dos contos de fadas, aprende a corresponder às exigências e necessidades dos outros e do ambiente, a se proteger e a combater as investidas contra sua própria personalidade. Aprende também a agir, resistir e superar forças como os adultos, assim como entender como eles são através da idéia que faz de si mesma.

Os contos de fadas, segundo Bettelheim (1980, p.32) levam a criança a descobrir sua identidade e comunicação, e sugerem experiências necessárias para desenvolver ainda mais seu caráter. Eles contam à criança que, apesar dos infortúnios, ela poderá ter uma vida boa; isso se não se intimidar pelas batalhas que irá travar. “[...] Estas estórias prometem à criança que, se ela ousar se "engajar" nesta busca atemorizante, os poderes benevolentes virão em sua ajuda, e ela o conseguirá”. Elas advertem também que, quem não ousar encontrar sua verdadeira identidade, por receio ou insignificância, terá uma vida monótona, se algo ainda pior não lhes acontecer.

“Como obras de arte, os contos de fadas têm muitos aspectos dignos de serem explorados em acréscimo ao significado psicológico e impacto a que o livro está destinado” (BETTELHEIM, 1980, p.21). A herança cultural de um povo encontra comunicação com a mente infantil através deles.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 1980, p.14).

Para o autor, só nos contos de fadas a criança se confronta com as características essenciais do ser humano. Há nos contos de fadas um dilema existencial tratado de maneira breve e decisiva, permitindo à criança compreender sua essência. Há poucos detalhes, de trama simplificada, figuras claras, mais típicas do que únicas. Elas são ambivalentes, como o ser humano é na vida real. Essa polarização que domina os contos de fadas, também domina a mente da criança.

Independente da idade e sexo do herói da estória, de acordo com Bettelheim (1980), os contos de fadas tem grande significado psicológico para crianças de ambos os sexos e todas as idades. Sua importância pessoal é facilitada pelas



mudanças na identificação de criança com os personagens, principalmente pelo fato da mesma lidar, com diferentes problemas, um de cada vez.

Um personagem é bom e o outro é mau, esperto e tolo, lindo e feio, e por assim vai. Esta união de personagens opostos facilita o desenvolvimento da personalidade da criança. As ambigüidades presentes nas figuras reais, e todas as complexidades que as caracterizam, possibilitam que a criança estabeleça uma personalidade relativamente estável na base das identificações positivas. Depois disso, ela terá capacidade de compreender as diferenças entre as pessoas, e a fazer escolhas sobre quem quer ser (BETTELHEIM, 1980).

As escolhas de seus personagens não são tanto influenciadas pelo certo e errado, mas sim se despertam nela simpatia ou não. Ela escolhe o herói ou heroína por querer se parecer com ele (a) e pelo apelo positivo que tem.

O mesmo acontece com a presença do bem e do mal. Ao contrário de muitas histórias modernas, ambos estão presentes. Recebem forma em figuras e ações, e não podem ficar de fora, já que tendem a aparecer em todos os homens.

Através dessa dualidade, os problemas de ordem moral são colocados e intimados a uma resolução.

Não é o fato do malfeitor ser punido no final da história que torna nossa imersão nos contos de fadas uma experiência em educação moral, embora isto também se dê. Nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas histórias de fadas a pessoa má sempre perde. Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela (BETTELHEIM, 1980, p. 15).

Contudo, não se pode precisar qual, nem em que idade ou fase será importante para uma criança um conto em específico; só a criança poderá revelar ou determinar que conto quer ouvir, à medida que esses falam ao seu consciente e inconsciente.

Naturalmente, um pai começará a contar ou ler para seu filho uma história que ele próprio gostava quando criança, ou ainda gosta. Se a criança não se liga à história, isto significa que os motivos ou temas aí apresentados falharam em despertar uma resposta significativa neste momento da sua vida (BETTELHEIM, 1980, p.26).

Então, segundo Bettelheim (1980), o melhor a fazer é contar uma outra estória, até que a resposta seja positiva e confirmada através do “conte outra vez”. Quando ela obtiver tudo que necessitava da estória, ou quando seus problemas forem outros, ela poderá perder o prazer nesta e escolher outra, no que deverá ser atendida.

Porém, mesmo sabendo o motivo do interesse do filho em determinado conto, os pais não devem revelá-lo. “[...] As experiências e reações mais importantes da criancinha são amplamente subconscientes e devem permanecer assim até que ela alcance uma idade e compreensão mais madura” (BETTELHEIM, 1980, p. 26). Não se deve invadir o seu inconsciente e trazer a tona os pensamentos, de maneira consciente, que ela gostaria de conservar pré-consciente.

É exatamente tão importante para o bem-estar da criança sentir que seus pais compartilham suas emoções, divertindo-se com o mesmo conto de fadas, quanto seu sentimento de que seus pensamentos interiores não são conhecidos por eles até que ela decida revelá-los. Se o pai indica que já os conhece, a criança fica impedida de fazer o presente mais precioso a seu pai, o de compartilhar com ele o que até então era secreto e privado para ela (BETTELHEIM, 1980, p. 26 - 27).

Além de perder o encantamento da estória, explicar porque um conto de fadas é tão atraente para a criança perde o poder de ajudá-la a lutar e dominar sozinha o problema que tornou o conto significativo. Ao decifrar para ela, não se favorece o sentimento de superação e êxito que ela alcançaria sozinha, através da ruminação da história e por suas repetições de uma situação árdua, penosa. Dessa maneira elas encontrariam sentido na vida e segurança em si mesmas, para resolverem seus problemas pessoais, interiores, sozinhas (BETTELHEIM, 1980).

Dieckmann (1989, p. 44) aponta o sentido de se narrar contos de fadas as crianças. “[...] O problema de se ser a favor ou contra os contos de fada, aliás, já é velho, e foi colocado há quase cem anos pelo poeta Wilhelm Hauff”, que colocou essa problemática como prefácio de sua coleção de contos.

As crianças têm que encontrar formas, segundo Costa e Baganha (1989, p. 38), de preencher o vazio que sentem pela ausência afetiva, que as fazem sentir medo. Um primeiro contato com o real deixa as crianças desiludidas. Ela percebe que o mundo e as pessoas não se compadecem com seus desejos, e elas então fazem uso da fabulação para preencher o vazio como “[...] o abandono, o medo, a desconfiança, a injustiça, a pequenez, a submissão, mas também a “raiva”, a rebeldia, a insubmissão, o desafio, o desejo de se afirmar”.

Estes rostos para os seus “desejos inconfessáveis” só nos Contos de Fadas podem ser encontrados e “decifrados” pela criança. Os contos de fadas oferecem personagens sobre as quais a criança pode exteriorizar aquilo que se passa com ela e de uma forma controlável. Mostram à criança como pode materializar os seus desejos destrutivos numa dada personagem, tirar de outra as satisfações que deseja, identificar-se com uma terceira, ligar-se a uma quarta da qual faz seu ideal e assim sucessivamente, segundo as necessidades de momento. Além disso, desacreditando as limitações de tempo e espaço, permite uma representação visível, concreta e simultânea de todas as facetas que constituem o universo da criança (COSTA; BAGANHA, 1989, p.39).

“A forma como tudo vai sendo experienciado, compreendido, explicado solucionado, valorizado, resulta de uma afetividade e de uma razão atuando em sinergia” (COSTA E BAGANHA, 1989, p. 38). A intensidade desses aspectos varia ao longo do desenvolvimento, mostrando à criança o momento certo de assumir o real, não devendo viver para sempre na fantasia.

De acordo com Bettelheim (1980), o conto de fadas guia a criança a entender e abandonar, em sua mente consciente e inconsciente, seus desejos de dependência infantil e obter uma existência mais independente através da realização do herói, da experiência pelo mundo e do encontro com o outro.

Constata ainda, que as crianças de hoje não crescem mais na segurança de um lar formado por grandes famílias e nem inseridas em grandes comunidades. Daí ressalta a importância das imagens de heróis solitários, confiantes interiormente, cujo destino convence a criança que, apesar de se sentir rejeitada e abandonada pelo mundo, como herói ou heroína, ela será guiada e ajudada sempre que precisar, estabelecendo relações significativas e compensadoras com o mesmo.

Para Costa e Baganha (1989) a escola não só é responsável pela propagação de conhecimento, como pode subsidiar a formação pessoal de cada ser humano. Os contos podem ser um importante instrumento pedagógico, por ajudar no processo de simbolização, ao mesmo tempo em que alivia pressões inconscientes.

"Nessa luta pela independência, a escola desempenha um papel muito importante por ser o primeiro ambiente que a criança encontra fora da família, Os companheiros substituem os irmãos, o professor o pai, e a professora a mãe" (JUNG, 1981, p.59 apud SAIANI, 2003, p.22).

O que as crianças podem apreender dos contos de fadas, não é percebido na prática Pedagógica. [...] p. “Deixar a criança viver livremente sua fantasia gera um conflito no professor, que perde seu papel de educador e não corresponde ao modelo que foi idealizado pela Pedagogia” (COSTA e BAGANHA, 1989).

Transformados em tarefas escolares, os contos de fadas perdem sua função lúdica e estética e impedem que as emoções sejam vivenciadas. Ao mesmo tempo, acredita-se que os impulsos mais primitivos possam ser aprisionados (BETELHEIM, 1980 p.13)

Para Catherine Millot, (KUPFER, 1995, apud SAIANI, 2003), "quando o pedagogo acredita estar se dirigindo ao eu da criança é, à sua revelia, o inconsciente dessa criança que está sendo atingido", o que faz com que os efeitos dos métodos pedagógicos sejam, no mínimo, inverificáveis.

Para Saiani (2003) o que há de mais fundamental para um aprendizado bem sucedido é a relação que o professor estabelece com o aluno, a criação de uma tão encantadora quanto necessária atmosfera. Para este há uma relação professor-aluno profundamente arraigada no inconsciente coletivo.

O próprio pedagogo precisa dos conhecimentos da psicologia para a sua própria formação. "[...] É fato notório que as crianças têm um instinto seguro para perceber as incapacidades pessoais do educador". Para Jung, o pedagogo precisa, por isso, dar atenção especial a seu próprio estado psíquico, a fim de estar apto a perceber seu erro, quando houver qualquer fracasso com as crianças que lhe são confiadas (JUNG, 1981, p.125 apud SAIANI, 2003, p.18).

Essa atenção ao estado psíquico, é óbvio, conota uma posição diante da educação que não encara o professor como mero transmissor de conhecimentos, mas sim como uma ponte para que a criança evolua psiquicamente. "A criança se desenvolve a partir de um estado inicial inconsciente e semelhante ao do animal até atingir a consciência primitiva, e a seguir, gradativamente, a consciência civilizada". (JUNG, 1981, p.105 apud SAIANI, 2003 p. 18).

Certamente, quando uma criança de seis anos entra na escola, ainda é, em todo sentido, apenas um produto dos pais; é dotada, sem dúvida, de uma consciência do "eu" em estado embrionário, mas de maneira alguma é capaz de afirmar sua personalidade, seja como for (SAIANI, 2003 p.58)

Trata-se de um estado de indiferenciação entre o sujeito e o objeto. Para o desenvolvimento da criança, para que ela construa sua própria personalidade, é fundamental que vá se libertando dessa atmosfera psíquica criada pelos pais. Seria necessário um rompimento umbilical simbólico, sem o qual seria impossível a produção de cultura. (SAIANI, 2003, p.19)

Segundo Saiani (2003) uma das funções da escola, como instituição, é contribuir para a gradual diferenciação do ego, com o objetivo de formar um indivíduo consciente.

Desse modo emerge a consciência a partir do inconsciente, como uma nova ilha aflora sobre a superfície do mar. Pela educação e formação das crianças, procuramos auxiliar esse processo. A escola é apenas um meio que procura apoiar de modo apropriado o processo de formação da consciência. Sob esse aspecto, cultura é consciência no grau mais alto possível (JUNG, 1981a, p.56 apud SAIANI, P.26).

A relação entre a criança e o professor, é determinante para o êxito do ensino e da transformação das crianças em adultos saudáveis, que é a verdadeira finalidade da escola.

Para Jung, 1981 apud Saiani, 2003, o importante é a escola libertar a criança de sua identidade com a família e torna-la consciente de si própria. Sem essa consciência, ela nunca saberá o que deseja de verdade, estando sempre dependente da família, procurando apenas imitar os outros.

“Ninguém, absolutamente ninguém, está com sua educação terminada ao deixar o curso superior”. Ou seja: o educador não deve ser apenas portador da cultura de modo passivo, mas também desenvolvê-la por meio de si próprio (JUNG, 1981, p.61 apud SAIANI, 2003, p.26).

Os contos de fadas, segundo Saiani (2003), são um canal entre o professor e a criança no trabalho afetivo, ajudando-a a superar seus problemas interiores, possibilitando que o intelecto possa se desenvolver e trabalhar com o mínimo de interferências emocionais.

## CONCLUSÃO

Este trabalho dedicou-se através de uma abordagem de referencial teórico, buscar as principais fontes sobre a origem e o desenvolvimento dos contos de fadas aos longos dos anos.

Como introdução ao tema, buscou-se explicar de maneira breve, sua contextualização histórica, ou seja, onde e como surgiram, seus principais escritores e a quem se destinavam.

Igualmente, foi de essencial importância, a explicação de como funciona a psique humana, seu consciente e inconsciente coletivo. Este como referência principal ao que se tentou demonstrar como fonte comum, a temática de todos os contos. Como expoente desse estudo, apresentou-se o arquétipo, ou seja, as imagens primordiais que temos do homem e do mundo, como base estruturadora da idéia que fazemos de nós mesmos e dos outros.

Dando gancho ao objetivo do trabalho em desvendar os conteúdos implícitos nos contos de fadas, procurou-se demonstrar como destino à formação consciente e inconsciente da criança, passando a história de toda humanidade, as lutas que virão, e a certeza de que elas irão sair vitoriosas na busca de seu lugar no mundo.

Considerando o trabalho como uma pequena introdução ao estudo dos contos de fadas, sua complexa fonte de relações, considerações, e temáticas, e a concepção subjetiva que temos de infância e pelo mesmo ser um trabalho movido por um objetivo pessoal (pois sem motivação, a ativação de minha energia psíquica seria impossível), ressalto a necessidade de fazer algumas considerações.

Em primeiro, acredito na relevância do trabalho, por considerar os educadores como seres humanos, dotados de psique, carregados de afetividade e inseridos em relações de si para si e de si para o outro, inseridos numa sociedade onde desempenham os diversos papéis que assumem: filhos, pais, cônjuges etc.

Em segundo, pela escola ser palco das diversas interações cognitivas e afetivas e por serem hoje, aspecto relevante entre a ruptura cada vez mais precoce entre a criança e sua família, tendo não só o educador como transmissor dos saberes historicamente acumulados, mas também como ser constituído de psique, e suas relações humanas estritamente necessárias à criança.

As mudanças, portanto, devem ser iniciadas neste cotidiano, incluindo na discussão e neste processo os sujeitos da prática educativa.

A verdadeira educação pode respeitar e aproveitar a natureza infantil. Se a fantasia e as emoções infantis puderem estar integradas no processo de desenvolvimento e conhecimento, a criança irá sentir-se respeitada e terá condições satisfatórias de ingressar em um mundo social e cultural.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.

ABRAMOWICZ, Anete. *Contos de Perrault, imagens de mulheres*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010132621998000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621998000200006)  
Acesso em: 01out. 2007.

ALT, Cleide Becarini. *Contos de fadas e mitos*. Um trabalho com grupos, numa abordagem junguiana. São Paulo: Vetor, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRAGA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

CASHADAN, Sheldon. *Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CIFALLI, Mireille e Imbert, Francis. *Freud e a Pedagogia*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CLARKE, J.J. *Em busca de Jung*. Indagações históricas e filosóficas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. *Panorama histórico da literatura infantil juvenil: Das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Isabel Alves. BAGANHA, Filipa. *Lutar Para Dar Um Sentido À Vida: Os contos de fadas na educação de infância*. Portugal, Edições Asa, 1989.



DIECKMANN, Hans. *Contos de fadas vividos*. São Paulo: Paulinas, 1986.

DINIZ, Maria Lucia Vissoto Paiva. *Era uma vez belo, o bom e o bem comportado...: O discurso ideológico nos contos de fadas*, 1993. 176 fs. Dissertação de mestrado – Área de Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, 1993.

DUARTE, Newton. *Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a escola de Vigotski*. Campinas: Autores Associados, 2001.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FIGUEIREDO, Taicy de Ávila. *A magia dos contos de fadas*. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=42>>. Acesso em: 27 mai. 2007.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANZ, Marie-Louise Von. *A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

FROMM, Erich. *A linguagem esquecida: Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1962.

GILLIG, Jean-Marie. *O conto na psicopedagogia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GIMAEI, Patrícia Couto. *Crescendo entre príncipes, fadas e bruxas*. Viver. São Paulo, nº 98, p. 36 – 37, mar, 2001.

ISER, W. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1999.

JACOBI, Jolande. *Complexo, arquétipo, símbolo*. São Paulo: Cultrix, 1957.

JOHNSON, Robert A., 1921. *He: A chave do entendimento da psicologia masculina: uma interpretação baseada no mito de Parsifal e a procura do Santo Graal, usando conceitos psicológicos junguianos*. São Paulo: Mercuryo, 1987

JUNG, Carl Gustav. *A dinâmica do inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. *A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

KOLBENSCHLAG, Madonna. *Adeus, Bela Adormecida: o fim do feitiço dos mitos e modelos femininos*. São Paulo: Saraiva, 1990.

LIMA, Ricardo Franco de. *Principium individuationis*. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/principium.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2007.

MARTINS, Elsa. *A importância dos contos na ativação do desenvolvimento psicossocial das crianças*. Disponível em: <[http://www.app.pt/omb/biblio/elsa\\_martins.htm](http://www.app.pt/omb/biblio/elsa_martins.htm)>. Acesso em 09 jun.2007.

MENDES, Marisa B. T. *Em busca dos contos perdidos. Os significado das funções femininas nos contos de Perrault*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec,1999.

PAVONI, Amarílis. *Os contos e os mitos no ensino: uma abordagem junguiana*. São Paulo: EPU, 1989.

PORTILLO, Vanilde Gerolim. *Jung e os conceitos básicos da Psicologia Analítica*. Disponível em: <<http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Jung%20e%20a%20psicologia%20analitica.htm>>. Acesso em: 01 out. 2007.

POSTIC, Marcel. *O imaginário na relação pedagógica*. Edições Asa, 1992.

ROBERTO, Gelson L. *Contos de fadas no trabalho clínico com crianças*. Disponível em: <<http://www.ijrs.org.br/artigos.php>>. Acesso em: 10 out. 2007.

RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

SAIANI, Cláudio. *Jung e a Educação: uma análise da relação professor/ aluno*. São Paulo: Editoras Escrituras, 2003.

SAVARIS, Luciana Elisabete. *Mitos e arquétipos*. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/mitosearquetype.htm>>. Acesso em: 07 ago.2007.

STOEBER, Isa Spanghero. *Lenda nos tempos difíceis*. Viver. São Paulo, nº 91, p.10-11, ago, 2000.

TATAR, Maria. *Contos de fadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

URBAN, Paulo. *A psicologia dos contos de fada*. Disponível em: <[http://www.terra.com.br/planetanaweb/345/transcedendo/mente/psicologia\\_01.htm](http://www.terra.com.br/planetanaweb/345/transcedendo/mente/psicologia_01.htm)>. Acesso em: 07 ago. 2007.

VOLOBUEF, Karin. *Classificação dos contos de fadas*. Disponível em: <[http://members.tripod.com/volobuef/page\\_maerchen\\_classificacao.htm](http://members.tripod.com/volobuef/page_maerchen_classificacao.htm)>. Acesso em: 15 set. 2007.